

**ENTREVISTA:**  
**ROMANCE HISTÓRICO & ROMANCE NA HISTÓRIA**  
**Com Nélide Piñon**

Realizada por Mary DEL PRIORE

Nélide Piñon uma das mais conhecidas, premiadas e proeminentes escritoras brasileiras é membro da Academia Brasileira de Letras que pioneiramente presidiu quando do centenário da Casa, em 1997. Autora de vinte romances, além de contos, memórias, livros infantis, crônicas entre outros é vencedora de importantes prêmios nacionais e internacionais entre os quais se destacam o Prêmio Bienal Nestlé de Literatura, Prêmio Walmap de Literatura, Prêmio de Literatura Latino-americana y del Caribe Juan Rulfo, Prêmio Príncipe das Astúrias, dois Prêmios Jabuti entre outros.

Mary Del Priore - O que a levou à História?

Nélide Piñon - A infância instaurou a leitura, o verbo que vinha dentro. As aventuras que me fizeram crer na criação. Um percurso salpicado de emoções, de avanços e retrocessos. A contundente vocação da escritora. Anos inaugurais em que me enamorei dos autores que mentiam com desfaçatez. Graças a Júlio Verne, Stevenson, Jack London, Monteiro Lobato, visitei o passado e cidades remotas. Acreditei em tudo que diziam em torno dos esbirros de Veneza, das viagens de Simbad, de Old Shatterhand e do nobre Winnetou, ambos justiceiro do velho oeste, criação de Karl May. Estes dois personagens que me introduziram às práticas dominantes da savana norte americana, e ensinaram-me preciosas leis narrativas. Como quando Old Shatterhand, em plena cavalgada, querendo saber a distância que os separava dos bandoleiros, recorreu ao parceiro. Winnetou colou o ouvido na terra, enumerou os criminosos e sentenciou:

- Um deles monta um alazão e falta-lhe o braço esquerdo.

A conclusão devida à leve pisada do cavalo na relva, deixando um rastro quase apagado, espanto. De imediato motivou-me o abandono de qualquer imposição estética reducionista. A partir do chefe apache, devia inventar sem medir consequências. Pois em face da ficção nenhuma verdade merecia crédito.

Dos escritores brasileiros desta época destaquei o romantismo de José de Alencar. Além de reforçar o que eu entendia de Brasil, de introduzir o índio no horizonte ficcional, dando-lhe real consistência moral, ele realçou o significado da geografia de uma pátria, seus rios caudalosos, suas árvores que atingiam o firmamento.

Foi assim que entregue a tantas incertezas rezei pela cartilha da invenção. Enquanto aprendia que o próprio ato de narrar continha em si um inexpugnável mistério. Sem impedir, no entanto, façanhas heroicas, atalhos salvadores, fraturas e desacertos com a

realidade, desde que se alcançasse o fulcro do texto. Afinal criar era um salto moral sem rede, um risco mediante o qual se consolidavam os veios civilizatórios.

Antes de fixar-me em uma só modalidade criativa, adotei a complexa literatura de proveniência arcaica, banhada por milênios. Com esta matéria enfrentei os tentáculos da modernidade. Guardava no que lia e escrevia os lastros da Tróia, Micenas, Atenas, o Hades. Nunca me descuidei dos elos que me ligam à tradição livresca. Seria revolucionária e iconoclasta sem revogar as leis estéticas a que eu servia. Sem renunciar à memória do verbo e do pensamento, os fundamentos da civilização.

Registrei a história individual e coletiva nos meus livros. A fé de estar ainda hoje atrelada ao que houve no passado. Estribo-me em uma herança que me torna híbrida, múltipla, polissêmica. Ouço São Paulo afirmando ser devedor dos gregos, dos romanos, dos clássicos, dos modernos, e julgo o mesmo. Avizinhei-me da escritura valorando o testemunho oral. Incerto, mas não se esgota ao longo da vida. São eles parábolas saídas do forno da invenção. Traziam-me estes discursos o cotidiano espesso do vizinho, coalhado de espantos. Tudo acelerava o coração ao ritmo da fantasia.

Sob o turbilhão das descobertas, fui levada à Espanha. Com apenas dez anos, projetei-me no passado galego tingido de sangue celta, romano, suevo. A imaginação destes povos passou a me pertencer. Um aluvião de lendas e poesia em línguas galega e castelhana que me soavam de repente ilegítimas, sujeitas ao meu arbítrio. As Cantigas de Amigo, as Cantigas de Santa Maria, cujos feitos absorvia no tablado verbal. Havia magia e engenho em torno. Pedacos da minha futura criação.

Estas excursões pela história faziam-me sentir um ancião acorado após haver recolhido as pegadas da oralidade alheia, ciente de nada ter perdido. Eu supunha que as migalhas da humanidade vinham-me trazidas intactas pela boca maliciosa dos rapsodos populares sequiosos de pão e de imaginação. Fui assimilando a plenitude do verbo poético. Disponível, eu o incorporava ao texto, com ele arrastava o personagem até o inferno. Sobretudo valia misturar a massa heterogênea da história e romper as grades da realidade, fazer arte. Na companhia do texto e dos seres ficcionais, eu transpunha o deserto de suas almas. Enveredava pelos capítulos de uma história ainda por encerrar.

MDP- Lia romance histórico: Dumas, Walter Scott ou Balzac? Algum autor preferido ao qual retorna? E brasileiros autores de romances históricos?

NP-Sigo reverenciando Homero, Virgílio, Cervantes, Shakespeare, Camões, e o brasileiro Machado de Assis. Essenciais na minha percepção estética, questiono-os sempre que sinto os afazeres contemporâneos desprovidos da grandeza que eles semearam. Vindos de longe, estes seres imortais sustentaram minha iniciação, minha vertigem criativa. Devo tanto a eles quanto aos pais que por meio dos livros decidiram fazer da filha uma outra criatura. Alguém que, ainda menina, indagou de repente quem era Balzac.

Aqueles gigantes revolucionaram o mundo, estabeleceram estatutos criativos que marcaram a ferro e fogo os meus discernimentos estéticos. Passei a atentar os traços e as pinceladas imperceptíveis do texto alheio e do meu. Um saber que me ensinou reconhecer as súbitas erupções verbais que acorrentavam os elos da arte. A linguagem que congregava os impulsos ficcionais.

MDP- Por que resolveu integrar o Romance na História ou vice-versa?

NP - Algum crítico teria pregado a fusão entre o romance tradicional, de escopo inventivo, e o histórico contemporâneo, concebido eventualmente com rigor documental. Mas ao não ser eu dona das fontes e da prática do gênero, inquieta-me semelhante junção. Não vejo Machado de Assis acatando a ingerência de autores como Sheldon, Brown, Follett, em sua obra. A imporem inclusões e exclusões que ferissem a soberania da arte do escritor carioca. Ou como estas facções tão divergentes se abasteceriam mutuamente. Quando Machado de Assis é um alquimista cuja poética converteu o Brasil em uma nação. Faço inúmeras indagações ao longo dos romances. Advirto-me contra os equívocos. Avalio a genética cultural de cada personagem, estudo os ditames de uma sociedade, sua formação, com o propósito de validar sua existência. Não reluto em apelar para a sistemática pesquisa antes de iniciar um romance, jamais desfalco valiosos parágrafos de substância conclusiva. Não afeto a genealogia secreta dos personagens, seus instintos de vida e de morte nem omito suas minuciosas procedências. Mas, sobretudo aposto nas andanças narrativas que me levaram em 1961 a escrever meu primeiro romance sob o primado da construção metafórica a serviço de uma visão poética. Sob o fervor de uma juventude regada por enigmas indecifráveis. Decidida a recolher sobras e retalhos com que narrar. A fim de fabular em nome de vivos e mortos que a escritura revivia. Tornou-se, então, uma premissa que me saciava com pedaços infinitesimais da grei dispersa. Aquela coleção de ossos que no palco da vida impunha as contendidas que acionam a narrativa.

Insisto nos meus vínculos com um universo que testa os limites estéticos. Capaz de idealizar, de exceder-se, de sofrer o magnetismo do imponderável e do incandescente. E que conquanto carente de equilíbrio, submete seus personagens ao furor da paixão, no qual soçobra no esforço de alcançar o ápice da arte.

MDP- A pesquisa com documentos históricos ajuda a dar verossimilhança às personagens femininas? Há algo de autobiográfico nelas?

NP-Raramente submeti um romance ao domínio documental. O que lera dos mestres como Heródoto, Tucídides, Tito Lívio, Fernão Mendes Pinto, Michelet, e os recentes Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, João Camilo Torres, Braudel, Le Goff, Michelle Perrot, Duby, Mary Del Priore com seu inesquecível “*O mal sobre a terra*”, etc, impregnou-me de um conhecimento que, embora pulverizado, ajudou-me a avaliar o que os séculos lavraram na psique humana.

O personagem fundamenta a ficção. Sem os atributos de uma natureza complexa e ambígua, esmaece. São formas incorporadas à prosa em ritmo determinado pelo autor. Ao serem nomeados, após nascerem em um presépio universal, talvez feitos de barro,

passam a existir. Cabe-lhes um papel cênico de vencerem obstáculos, de empunharem o bastão da imaginação que lhes seja dado. Cada qual aguarda persuadir a quem seja de sua real existência. É quem expede fagulhas de um fogo que encerra o mistério da arte.

Julgo o personagem um palimpsesto. Um mosaico composto de pastilhas procedentes de Ravena, e que, observado de longe, encarna um conjunto de rostos que fazem dessa entidade um arquétipo. Fui sempre íntima deles, frutos de estranha argamassa étnica. Concebidos com escassa margem de improvisação, afinavam-se com um modelo que se reproduzia em variados perfis. Com eles forjei a vida romanesca, desvelei os sentimentos trancados nas gavetas, nos baús, nos escaninhos. Seus latidos advertiam-me quanto os acertos e os desacertos dessa trajetória.

Xan, personagem do *A República dos Sonhos*, fez parte de mim. Um velho camponês galego, dotado de rara oralidade, passava horas revivendo o passado da Galícia que favorecia os pobres e envergonhava a nobreza e o clero. Repudiava a história oficial que sonegava os feitos dos humildes. Seduzia os ouvintes com temas inerentes à vida do campo, mas cobrava-lhes devota atenção. Ambicionava ver o neto adolescente, Madruga, sucedendo-o no ofício de contador de histórias. Exigia que ele no futuro trouxesse de volta à Galícia as lendas que os castelhanos roubaram. Nestes momentos, em seu apuro de defender sua terra, a voz tremia, lançava setas para o céu. No entanto, após a fuga de Madruga para o Brasil sem sequer se despedir, Xan deixou de transformar seus contos em substância lendária, e silenciou-se.

Quanto às personagens femininas, elas comportam-se segundo os desígnios da criação. Empresto-lhes a conduta exigida pela trama e alijo delas benesses revolucionárias. Não politizo seu corpo pelo fato de ser feminista. Apesar do meu ardor, acautelou-me, sou isenta na escrita. Sei que ao falar das mulheres, elas falam por mim. Encarnam-me, assim como os homens. Mas não renuncio à anatomia humana, aos desatinos dos amores para narrar. Exploro, portanto, os filões emotivos, os subterrâneos da alma, o sinistro desejo que descontrola o mundo. Quero que elas chorem, façam chorar e rasguem os seios como santa Ágata, caso a cena exija uma crença insana. E purguem o que seja, batam à porta da miséria humana. Não sejam deusas, mas criaturas ambulantes, medusas que convertem em pedra quem as olhe. Não santifico personagens nem a pretexto de consagrar um protótipo. A estética da minha alma ausculta as zonas obscuras e carnívoras da mulher. Não se esquece do corpo historicamente conspurcado da mulher.

MDP- Há a mesma preocupação quanto às descrições de paisagens. Vcs se referem a viagens, deslocamentos, cenários urbanos e rurais. O que se vcs dão a ver, é extraído de documentos de época? O uso de mapas é importante?

NP - A ficção é a cartografia da minha alma. O que seu espaço acata e o tempo absorve, eu avanço, por meio de suas prerrogativas. Introduzo então paisagens, viagens, mapas, cenários arbitrários, crimes, duelos, o que ganhe validade segundo o meu verbo.

A arte que advém da escrita inventiva é de domínio público. Compreende um repertório vasto, concreto e abstrato. Inclui a consciência do bem e do mal, a memória pejada de equívoco e de versões contraditórias. Uma matéria que se cristaliza em uma coluna de estalactite que goteja registrando dias e anos. A linguagem que disponho descreve o

mundo e os sentires. Tem índole poética, transita pelo imaginário da carne, pelo realismo do prazer e da bestialidade. Conto com a trama subjetiva, que subjaz nos recôncavos secretos. Como romancista, meu timbre narrativo é coral. Quer na primeira como na terceira pessoa, avizinha-se das zonas profanas e sagradas com a ilusão de apaziguar o rebanho humano.

MDP- A pesquisa tem que ser exclusivamente acadêmica ou pode integrar relatos de amigos e profissionais de diferentes áreas, fontes tanto convencionais quanto incomuns? Em caso de resposta afirmativa, pode dar exemplos?

NP - As histórias que elegi contar são tensas, de teor pungente. Tiveram como pano de fundo a voragem da palavra e a imaginação enlaçadas. Suas entrelinhas detalharam as fronteiras do real e de invisível, coletaram as pistas da realidade. Nenhum livro meu, contudo, assemelhou-se a um tratado ou a uma tese acadêmica. Suas bases davam supremacia ao quimérico, realçavam a soberania do imaginário capaz de conferir credibilidade ao solo ficcional. Em detrimento aos subterfúgios sociológicos, valorizava o alvoroço humanitário das substâncias que facilitam o acesso à verdade narrativa.

A verossimilhança do texto assegura aos atores romanescos uma vida civil. Uma língua, uma nação, e ainda um inferno povoado de bichos e seres. E paredes de um lar onde vicejem enredo e protagonistas sobrecarregados de culpa e de utopias.

A indagação põe em pauta o romance histórico. Quando, de minha parte, nenhum romance de minha lavra é histórico. E nem sempre considero históricos livros como o de Dumas, publicados no século XIX. Um autor de aventuras que contesta sua adesão ao gênero, ao exaurir seus recursos do imprevisto tendo como heróis os três mosqueteiros que eram quatro. Nem tão pouco dispensou os conhecimentos que melhor situavam os personagens em Paris, na França cortesã. Primava ele em aliar a deliciosa frivolidade de D'Artagnan com as malhas malignas do cardeal Richelieu.

Mal conheço as diretrizes da novela histórica moderna, o que norteia seu prumo. Minha formação literária é tutelada às vezes por um realismo provido de referências temporais e espaciais que me suprem com nomes, datas, localidades, marcos iconográficos. Uma identificação, enfim, com o entorno, sem acorrentar os personagens a uma linhagem ou a uma coroa de louros. A pretexto simples de que eles entendam os riscos da existência em meio ao esplendor e a miséria.

Meus signos e minhas estratégias seguem os meus desígnios. Homens e mulheres não têm formato prévio. Não são simulacros. Por nada abdicaria do reino literário com suas mil portas de entrada, dando-me ingresso à memória universal, ao fabulário desbordante, sem travas. O advento da imaginação, em cujo epicentro, à sua sombra, banha-me em um átimo a luz redentora. Sigo devota dos estudos históricos. O conhecimento do passado ainda hoje aprimora meu humanismo. Mas não endosso a opção histórica. Elegi as turbulências solitárias dos meus seres, alguns atrelados às gestas, às sagas, aos nibelungos milenares. Sujeitos às urgentes guinadas das agruras, das armadilhas da realidade.

MDP- O que vem antes: a vontade de desenvolver uma história sobre tais e quais personagens ou a empatia com determinado momento histórico?

NP- Cada livro supria-me com o legado do anterior. Seus pontos de luz socorriam-me diante da máquina Hermes, presente do pai, Lino, aos doze anos. A primeira frase escrita dá vida ao romance. Assim ocorreu com *Fundador*, em 1970. Confiante no poder da imaginação, os raios fulgurantes da criação faziam-me atravessar séculos e terras, conjugar o arcaico e o moderno. O longevo Ptolomeu, oriundo do Oriente Médio, vendia na sua loja de Nova York material escuso e os mapas que desenhava. Agia como adivinho, profeta. Joe Smith tinha-o como escudo. Jovem estranho, rastreava Che Guevara e o padre Camilo Torres Restrepo, revolucionário colombiano. Nos idos ao passado, surgem o visionário Fundador, Monja, o cisterciense Bernard de Clairvaux, crítico dos templários. No mundo deflagrado as almas flutuavam ao sabor da fatalidade. Eram peregrinas.

Também de abundante matéria iconográfica, é o romance *A República dos Sonhos*, publicado em 1984. Seu arcabouço abrange o drama do Brasil e as levas de imigrantes espanhóis, deserdados da sorte que vislumbraram uma nova América. Um enredo que assumia as incertezas de uma humanidade ao relento, mas com noções ancestrais. Personagens que por força da ascendência arrastavam consigo evocações e seus mortos. Cada qual delegava ao outro sua história, que traduzisse os sinais da civilização.

Na retaguarda dos imigrantes havia a memória diariamente restaurada, à medida que ganhavam o pão. Devendo reforçar diante dos extratos sociais gananciosos suas identidades, seus emblemas culturais. As suas genealogias sofridas que se aliavam com a constelação de mestiços igualmente marginalizados.

Eu expunha suas intimidades, as emoções e os desvarios da carne. Durante o curso da narrativa escoavam as vidas de Eulália, Madruga, Venâncio, Odete, Esperança, Breta. Um elenco heterogêneo afetado por facções bárbaras e civilizadas que cruzaram o Atlântico. Eu não lhes reservava um destino obrigatório. O novo mundo impunha seus novos conceitos. Cabia-me assumir lapsos, errar junto a eles. O meu imaginário dava-me pistas por onde seguir ao longo de mais de duzentos anos. Fornecia-me paragens reais e fantasmagóricas engendradas pelos povos. Apoiada no que sabia, realcei idiosincrasias, preconceitos, mazelas, discursos perversos. Repartia fatias de falsa retórica, aguardava a esperança de animar os filhos da pátria atolados no espetáculo prestes a se encenar.

*Vozes do Deserto* saiu no ano 2004. Exigiu pesquisas que me municiaram com amplo conhecimento dos primórdios da civilização islâmica. Desde o estudo do Corão, a dinastia abássida, as artes, a língua, os sufis, a Escola dos Tradutores, Bagdá, a cidade espremida entre o Tigre e o Eufrates, e a milenar *Mil e Uma Noites*. Ao escrever, esforçava-me para não ser um romance erudito. Combatia a riqueza acumulada para fixar-me, isto sim, na arte de narrar, que tinha Scherezade como modelo. O método narrativo que aprendera, quando adolescente disfarçada de rapaz, nas visitas ao popular bazar de Bagdá. As vielas e redutos onde os miseráveis adestravam sua oralidade.

Fui Scherezade o tempo todo. Perambulava por Bagdá mesmo durante as aulas que dava em Miami e em Washington. E forçada por evocações épicas, eu construía minarettes verbais, colhia o burburinho da urbe. Travava constante embate entre a imaginação da

princesa e a carnalidade abusiva do califa. Queria persuadir o monarca a renunciar ao poder em troca da sedução emanada da palavra. Uma eleição que o fortaleceria no trono. Pois o verbo valia mais que qualquer construção em pedra.

E assim foi. Até o término do romance, assegurei que as histórias contadas pertenciam de fato à milenar Scherezade.

MDP - A retomada do romance histórico nos incentiva a pensar o presente, a partir do que esquecemos do passado?

NP - Minha evolução ficcional mereceu intensas reflexões. Assim ia tecendo a exaustiva urdidura romanesca sob o jugo da trama, que aglomerava personagens para, antagonizá-los entre si, a pretexto de procurar as senhas da humanidade. Para tanto sondava os bilhetes anônimos guardados nos escrutínios familiares, e os incrustava no coração da escrita, que era o festim romanesco. E por conta das artimanhas que inventava, sempre soube que nenhum romance é inaugural. Quando muito, impresso, deixa em uma lápide abandonada o seu solitário testemunho.

*Um Dia Chegarei a Sagres* foi publicado em 2020, em plena pandemia. Para escrevê-lo fiz minuciosas leituras sobre o reino português a partir do século XV até o XIX. E em seguida instalei-me em Lisboa para um ano de estadia. Da capital percorria as regiões propícias à minha história, sem perder de vista que o romance inicialmente situava-se no Minho, e tinha Mateus e Vicente como prumo. Abastecia-me com o repertório lendário que ainda boiava no inconsciente popular, no legado de Camões, cujos eternos resquícios poéticos referendados pela minha sensibilidade musical, circulavam pelas aldeias, pelas antigas edificações, pelo vento de Sagres.

Entendia que o século XV português ofertara ao mundo um novo conceito de imaginação. Uma civilização que conquanto se pulverizara entre demais culturas, eu recolhia seus fascinantes destroços através de Mateus, um lavrador perplexo diante das alegorias amargas difundidas entre sua gente. Graças às vivências infantis, desfrutadas na rural Cotobade, Galícia, ao longo de dois anos, pude avaliar as frustrações de Mateus e Vicente sempre temerosos de lhes falhar as colheitas, ou lhes morresse um animal. Eu sofria com suas lamúrias quando aravam o solo ingrato. Enquanto registrava a sexualidade exacerbada daqueles homens, o assombro que o corpo lhes provocava. A fantasia que os compensava e tinham ao seu alcance.

Os sobressaltos se acumulavam. A efigie do Infante D. Henrique perpassa o romance. Suas incursões pelos mares protagonizavam a utopia que Mateus urge crer para viver. Sob a custódia do Navegante, ele perambula pelo reino tendo em mira Sagres, o berço de uma grandeza associada ao passado e que redimia a ele, um desvalido português. Após saber desta glória, que passou a ser sua, afugentou o sentimento de fracasso, de culpa por ser bastardo. Ao longo dos tempos, Mateus conhece a caleidoscópica existência humana. Não a aceita e nem se concilia com ela. Ao envelhecer, constata que seus desastres foram precedidos pela falência da nação. Ele nada mais fizera que segui-los. Afinal era seu filho.

Familiarizada com os dados históricos de Portugal, não consenti que estes fatos comandassem minhas decisões narrativas. Media as emoções e as governava. Mas induzia meus personagens ao desvario. Assim é a escrita fruto da invenção. Não é servil ao roteiro prévio. O próprio Mateus, a salvo das injunções documentais, respondia pelo seu fardo. Nenhum outro ser do romance vivia ao sabor das imposições históricas. Liberava-os para a fatalidade da paixão revestida de paramentos envenenados.

Ao narrar a odisseia de Mateus, do Infante, do Africano, de Matilde, tornei-os partícipes de um povo cúmplice dos mares, das terras ignotas, dos triunfos. Com meus presságios de narradora, sentia encaminhar-me ao cadafalso da arte. Doía, mas salvava-me o alvorecer de uma estética propícia a florescer. E não foi assim que tentei construir uma epopeia à altura da memória de uma gente que enquanto aguarda no cais o retorno de D. Sebastião, entoando *Os Lusíadas*, lambuzava a broa com azeite e sardinhas?

Iniciei o romance com valiosas noções históricas. Encerrei-o certa de não haver entronizado o passado, mas de lhe ter dado vida. Não quis que o presente saísse vencedor. Não merece a glória que ficou atrás. O mérito da ficção é reconstituir com fervor o cenário humano, dizer quem viveu. A imaginação é a salvaguarda do leitor, leva-o para onde ele precisa ir. Sem enaltecer os tempos vigentes que ainda precisam ser escritos.